

PODCAST CIÊNCIA SUJA
ERA RECORRENTE - PÍLULA
Título: O segundo set de Luca Kumahara

THEO: Essa aqui é a primeira pílula do Ciência Suja. Às vezes, entre um episódio e outro, a gente vai produzir esses conteúdos mais rápidos, com temas complementares ou assuntos inéditos e mais objetivos. Isso aqui é um experimento, então dê um feedback se puder.

THEO: Essa pílula em particular conversa com o episódio anterior do podcast, sobre a ciência suja dos esportes. Então talvez faça sentido ouvir lá antes. Ou terminar aqui e logo ir para aquele episódio, você quem sabe.

INÍCIO DO EPISÓDIO

THEO: Aos 16 anos, disputou tênis de mesa nos Jogos Pan-Americanos de 2011, em Guadalajara, no México. Quatro anos depois, foi medalhista de prata no Pan de 2015, em Toronto, no Canadá. Presença nas Olimpíadas de 2012, 2016 e 2020. Títulos nacionais e internacionais. Top 100 do mundo.

THEO: Está aí parte do currículo do Luca Kumahara. E foi mais ou menos nesse momento da carreira, em 2022, que ele resolveu assumir esse nome, Luca, e deixar para trás o “Caroline” que o acompanhava até então. O Luca é o primeiro homem mesatenista trans do mundo, e chegou a competir pela seleção brasileira na categoria feminina já tendo revelado isso, quando ainda não tinha iniciado o processo de afirmação de gênero.

THEO: No ano seguinte, em 2023, ele migrou para a categoria masculina. E os resultados esportivos não vieram.

LUCA KUMAHARA

Desde o Brasileiro do ano passado, eu comecei a priorizar dar treino por conta da questão financeira. Porque, como jogador, hoje eu já não tenho mais fonte de renda, então eu preciso pagar a conta de alguma forma.

THEO: Essa virada na carreira aconteceu em dezembro de 2024, como o Luca contou para a gente. E ele está com 30 anos, não é uma idade de aposentadoria mandatória, assim por dizer. Então nos próximos minutos eu vou trazer a história do Luca, e de um estudo brasileiro feito com as capacidades físicas dele, para você ver como, no esporte profissional, os desafios dos homens trans são diferentes dos das mulheres trans.

LUCA KUMAHARA

Bom, a minha história no esporte acho que começa com a frustração do meu pai, que gostaria de ter sido jogador de futebol profissional e não conseguiu.

THEO: O pai do Luca nasceu no Japão e veio parar no Brasil com 4 anos de idade, no contexto pós-Segunda Guerra Mundial. Ele viajou de barco por dois meses com os pais dele, os avós do Luca. Chegando aqui, começou a trabalhar em plantações, desde a infância mesmo. A situação financeira da família era complicada, então o avô do Luca não deixava o pai dele nem tentar seguir a carreira de jogador de futebol.

THEO: O resultado é que, já adulto, o pai do Luca depositou esse sonho de infância nos filhos, e botou todo mundo para jogar bola. O Luca tem quatro irmãos e é o caçula temporão. E logo ele estava no futebol de salão — um esporte que joga até hoje.

LUCA KUMAHARA

Eu cresci num apartamento até os 8, 9 anos de idade. Foi quando a gente mudou para uma casa. E meu pai queria que a gente tivesse uma área de lazer. Aí ele comprou uma mesa de pingue pongue na época que eu não sabia que era um esporte.

THEO: Isso aconteceu no ABC, na região metropolitana de São Paulo. Aí as coisas aconteceram rápido. O Luca demonstrou talento, então o pai dele o colocou para treinar em uma escolinha com a Monica Doti, uma das pioneiras do tênis de mesa feminino no Brasil. Ele foi conquistando títulos nas categorias juvenis, ganhando destaque, até que foi para os Jogos Pan-americanos de 2011 de Guadalajara, aos 16 anos, como eu já falei. E o resto é história.

REPORTAGEM DA TV GLOBO

[Apresentador] O tênis de mesa do Brasil em Londres vai ser representado por nomes experientes, como Hugo Hoyama. Experiência de 42 anos, quatro Olimpíadas, contrasta com promessas como Caroline Kumahara.

THEO: Está aí um trecho de um programa do canal SporTV que dava o tom de promessa com o qual tratavam o Luca. Só que apesar de jogar na categoria feminina, ainda se apresentando como Caroline, o Luca se via como um homem.

OUTRA REPORTAGEM DA TV GLOBO

[Luca Kumahara] Eu nunca me entendi como uma menina, eu nunca me senti uma menina. Desde criança, desde as primeiras lembranças, eu sempre me senti um menino.

THEO: Essa entrevista o Luca deu em 2022 para a Globo, logo depois que passou a se reconhecer e a se identificar como homem trans. Ao contrário do caso da Tiffany, a jogadora de vôlei trans do episódio passado, ele, já como Luca, pode continuar jogando na categoria feminina. Há ainda muitas indefinições nas regras para homens trans no esporte profissional, e a coisa depende de cada confederação. Mas algumas entidades, como a Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, não veem problema em ter um homem trans na categoria feminina, enquanto ele não começa o processo de transição. Porque o corpo dele não mudou.

THEO: Esse era o caso do Luca. Ele passou a se reconhecer como homem, mas não pretendia naquele momento tomar hormônios ou fazer cirurgias como a mastectomia masculinizadora, que retira parte das mamas e deixa o peitoral com uma característica mais próxima ao corpo de um homem. Isso porque ele queria conquistar um ouro no Pan-americano de 2023, em Santiago, no Chile, e ir para mais uma Olimpíada — em Paris, 2024, pelo time feminino, que ele se sentia parte.

LUCA KUMAHARA

Eu estava jogando liga na Espanha, então tava com um ritmo bom de de jogos, né, que a gente tinha jogo toda semana.

THEO: Mas aí teve uma mudança de comissão técnica da seleção que o Luca não gostou. Ele então desistiu daqueles sonhos e sentiu que era hora de investir em outro: o processo de afirmação de gênero. Em 2023, o Luca começou a hormonização com testosterona, e meses depois migrou para a categoria masculina.

THEO: Ele contou que não sofreu nenhum caso clássico de transfobia, mas no feminino tinha sempre uma confusão com relação a como tratá-lo ali. Até aquela coisa de falar em “meninas” para se referir à equipe pegava um pouco. Então por esse lado, o Luca gostou de competir num espaço em que o viam como homem.

THEO: Só que ele teve que começar tudo de novo, o ranking inclusive foi zerado. E isso em um corpo em plena transformação pela hormonização.

LUCA KUMAHARA

Na primeira semana, eu já comecei a sentir um aumento de força, por exemplo, com a testosterona, né?

THEO: Bom, né? Mais ou menos. O Luca se animou demais e passou dos limites nos treinos e na academia — até porque tem pouco estudo com atleta trans homem para estabelecer o ritmo ideal nessa fase.

THEO: Como os músculos se adaptam mais rapidamente à testosterona do que outras estruturas do corpo, elas não aguentaram o tranco e aí vieram lesões no joelho, nas mãos, no cotovelo. Conclusão: ele não conseguiu manter o ritmo de treinamentos. O Luca até alcançou as oitavas de final em uma divisão inferior do Campeonato Brasileiro de 2023, mas estava inseguro. Aí, em março de 2024, ainda veio a mastectomia masculinizadora.

LUCA KUMAHARA

O meu corpo estava muito esquisito para mim. Eu acho que era parecido com uma sensação de um adolescente na puberdade, um adolescente homem cis na puberdade. E aí eu comecei a viver essa fase, só que aos 28 para 29 anos de idade.

THEO: O Luca estava sentindo a mobilidade reduzida depois da cirurgia no peitoral e vinha lidando com umas dores. Ficou difícil evoluir nos treinos e no ranking, e 2024

passou. Mas todo mundo tem boleto para pagar, e o Luca precisou reservar mais espaço na agenda para treinar outros jogadores, e se remunerar com isso.

THEO: Mas tem um pedaço dessa história que eu não contei. Pouco antes de começar a hormonização, o Luca foi atrás do endocrinologista Leonardo Azevedo Álvares, do Centro Universitário São Camilo, que tem estudos sobre atletas trans, e que também está no episódio sobre ciência suja nos esportes.

LEONARDO ÁLVARES

Ele me procurou e falou: "Olha, eu gostaria que você me avaliasse o antes do hormônio e o durante o hormônio para ver o que acontece, né?"

THEO: A cada três meses mais ou menos, o Leonardo fazia exames clínicos e de desempenho no Luca. No segundo ano, essas avaliações ficaram mais espaçadas, a cada seis meses.

LEONARDO ÁLVARES

E a gente viu, esse nosso rascunho tá escrito aí já para também ser enviado, que em um ano, 12 meses de uso de hormônio, as capacidades do Luca chegaram a ficar exatamente iguais de outros mesatenistas de estudos publicados ao redor do mundo.

THEO: Então a força do Luca chegou mesmo a níveis de desempenho físico da categoria masculina, ou pelo menos de quem o Leonardo avaliou nesse trabalho. Verdade que esse estudo é um relato de caso, não dá nunca para extrapolar esses achados a outros atletas trans homens. E importante dizer também que a capacidade cardiopulmonar dele ficou um pouco abaixo, talvez até pelo pouco tempo da transição e pelas quebras no treinamento que a gente já trouxe aqui. Ou por algo mais fisiológico, não se sabe.

THEO: O ponto é que, com o tempo, talvez o Luca alcançasse um patamar competitivo para a categoria masculina. O corpo dele estava em adaptação, mas estava se ajustando. E estudar isso é importante até para eventualmente dar mais chance à carreira de homens trans como o Luca.

LEONARDO ÁLVARES

É porque infere-se que o homem trans nunca vai chegar ao nível de um homem cis, então "ninguém", vamos colocar aqui entre aspas, gasta tempo fazendo essa análise.

THEO: Entendeu onde mora o preconceito aqui? Nas mulheres trans, diz-se que, por terem nascido em um corpo masculino, elas sempre teriam vantagens no esporte profissional. Como a gente contou no episódio da semana passada, isso não está amparado na ciência disponível hoje.

THEO: Já nos homens transgênero, é meio que o contrário. Acredita-se que, como eles nasceram com o corpo feminino, nunca vão chegar ao patamar de um homem cis — mesmo após a hormonização e outros procedimentos. Mas, na realidade, essa é uma

pergunta em aberto na ciência, e que provavelmente vai estar cheia de meandros. No mais, o relato de caso do Luca conduzido pelo doutor Leonardo não corrobora essa hipótese.

LEONARDO ÁLVARES

Para os donos de times, isso seria muito interessante. Eu vou contratar um atleta homem trans? Será que o rendimento dele vai ser igual dos demais atletas, homem cis? Então, a gente precisa também da ciência para dar essa resposta.

THEO: Pois é, são necessárias mais pesquisas, assim como um olhar inclusivo para essa questão. O Luca, por exemplo, não ganhou essa chance, esse voto de confiança de que conseguiria atingir bons resultados no masculino. E, gente, que fique claro que ele mesmo nunca cobrou isso dos clubes.

LUCA KUMAHARA

Na verdade, estar fazendo que eu deveria estar fazendo para isso, eu não estou. Eu tenho isso muito claro para mim. Eu tento ser justo e pé no chão com as coisas que eu faço ali. Então, tipo, eu quero muito estar naquela equipe, mas eu não estou fazendo por merecer e eu não estou tendo resultado suficiente para estar ali, eu sempre tento ter essa consciência de falar, olha, eu não vou falar para o técnico que eu mereço estar ali ou de ficar insistindo, sendo que eu acho que não.

THEO: Então assim, o próprio Luca ressaltou que está treinando pouco atualmente, e isso diminui as chances dele de encontrar um clube, um patrocínio, e mesmo de ganhar campeonatos. Ele começou a treinar pouco por causa das lesões, e agora não consegue mais, porque precisa treinar outros atletas, que pagam ele. Então o Luca está em uma sinuca de bico.

THEO: Mas eu não consigo parar de pensar, e isso é uma opinião minha aqui, que um jogador com o histórico dele, e o empenho dele, deveria chamar mais atenção de clubes, empresários. Ele foi medalhista de Pan, atleta olímpico, e ninguém foi bater na porta dele para apostar umas fichas? Para investir uns meses até ele se ajeitar, na expectativa de ganhar um atleta de alto nível — e, até falando de um jeito pragmático, de ganhar aquela reputação positiva capaz de atrair patrocinadores?

THEO: Sei lá, eu sei que tênis de mesa não é o esporte onde mais circula dinheiro no mundo. Muitos clubes têm mesmo o dinheiro contadinho, ainda mais aqui no Brasil. Mas que essa percepção de que homem trans não consegue competir com cis atrapalha, ah, isso eu acho que atrapalha.

LUCA KUMAHARA

Eu tenho feito algo que eu estou gostando de fazer também, sabe? Que a princípio era o meu plano virar treinador depois de ser jogador. E é só mais ou menos o que aconteceu em relação à transição de categoria, que eu tive que adiantar os planos. Talvez aconteça aí isso em relação ao pós-carreira de jogador também.

THEO: A história do Luca não tem aquele final feliz clássico, até porque ela ainda está acontecendo. Mas também mostra uma resiliência e uma superação que deveriam servir de exemplo, e não de combustível para mesquinha.

ENCERRAMENTO

THEO: Essa pílula do Ciência foi apresentada e produzida por mim, Theo Ruprecht. Eu queria aproveitar e agradecer ao Luca por ceder essa entrevista.

THEO: A gravação do episódio aconteceu no estúdio Tyranossom. A edição de som, as trilhas e a mixagem são do Felipe Barbosa.

THEO: Nós usamos áudios da SporTV e da TV Globo.

THEO: A Mayla Tanferri e o Guilherme Henrique fizeram a arte de capa e o nosso projeto gráfico.

THEO: O site foi desenvolvido pelo Estúdio Barbatana. Lá você tem mais informações sobre como consegue ajudar a gente a seguir com o Ciência Suja, e com esses formatos novos, que nem essa pílula.

THEO: Você encontra mais informações nas nossas redes sociais, que são tocadas pelo Pedro Belo. O Ciência Suja está no Instagram, Facebook, TikTok, Twitter e Blue Sky.

THEO: O Ciência Suja tem apoio do Instituto Serrapilheira, que fomenta a ciência e a comunicação de ciência no Brasil.